

Pastejo rotacionado

Carlos Augusto de M. Gomide
Pesquisador da Embrapa

Os dados do Censo Agropecuário de 2006 revelam pequena redução na área de pastagens, passando de 177 milhões de hectares em 1996, para 172 milhões em 2006. Já a área de pastagens cultivadas vem crescendo nos últimos anos, mostrando, de certa forma, uma busca por sistemas mais eficientes de produção a pasto. A intensificação da produção animal a pasto pode trazer grandes benefícios ao produtor, incrementando sua capacidade produtiva. Além disso, é uma estratégia capaz de acomodar a expansão dos cultivos de alimentos, biocombustíveis e fibras sem a necessidade de abertura de novas fronteiras. Dados gerados em Universidades e Centros de Pesquisa - comprovados no campo - mostram que sistemas intensivos de produção a pasto podem ser altamente rentáveis e sustentáveis.

De fato, o manejo intensivo de pastagens deve ser preconizado para aumentar a produção animal por área, buscando aumentar a rentabilidade do produtor. Mas, para isso, além do maior investimento em insumos, é necessário maior tecnificação, representada por aplicação de conhecimentos específicos. No Brasil, é grande o leque de forrageiras que podem ser utilizadas sob manejo intensivo, e, desta forma, é preciso conhecer as características e as exigências de cada espécie ou mesmo de cada cultivar para a exploração racional do sistema de produção a pasto.

O manejo do sistema como um todo envolve práticas de adubação da pastagem, controle da estrutura e do valor nutritivo do pasto, previsão alimentar para o período seco do ano, uso de suplementação volumosa e concentrada, além do manejo do rebanho propriamente dito.

Uma das vantagens do pastejo rotacionado é que, pela intensificação na produção forrageira, torna-se possível aumentar a taxa de lotação da fazenda e/ou liberar áreas para cultivos alternativos e, assim, incrementar a produção de forragem para a época seca,

reduzindo a dependência de insumos externos à propriedade. Entretanto, vale salientar que a simples adoção de um ou outro método de pastejo - contínuo ou rotacionado - não garante incremento na produção de forragem. O crescimento das plantas responde a fatores de crescimento como água, nutrientes, luz, temperatura, etc. O manejo do pastejo é também um fator que interfere no crescimento do pasto e, embora tecnicamente não haja diferença entre os métodos (rotacionado ou contínuo), no pastejo rotacionado se tem, na prática, maior controle das alturas do pasto antes e depois do pastejo. Este controle é fundamental para aumentar a eficiência de colheita da forragem, sobretudo em gramíneas tropicais.

A figura 1 abaixo ilustra duas condições distintas observadas em gramíneas cespitosas conforme o manejo adotado. Na situação A, temos um pasto manejado com resíduo baixo e que se recuperou por um período adequado (em torno de 3 a 4 semanas no verão para pastos adubados). Neste caso, o pasto apresenta alta relação folha-colmo, pouco material morto e boa densidade de folhas verdes. Nesta condição, os animais exercem um pastejo eficiente e uniforme. Já a situação B ilustra uma condição em que, por erro no manejo (resíduo alto e/ou longo período de descanso), houve o alongamento dos colmos e acúmulo de folhas mortas. Neste caso, a eficiência do pastejo fica comprometida, restando muitas folhas não consumidas, além da ocorrência de colmos que, para serem eliminados, necessitam de roçagem, prática que encarece o manejo da pastagem. Além disso, pastagens de gramíneas de crescimento ereto (cespitosas) apresentam alta perda de forragem por tombamento quando submetidas ao pastejo num porte alto. Assim, deve-se buscar, por meio do manejo, controlar a estrutura do pasto, evitando o alongamento dos colmos e o acúmulo de forragem morta.

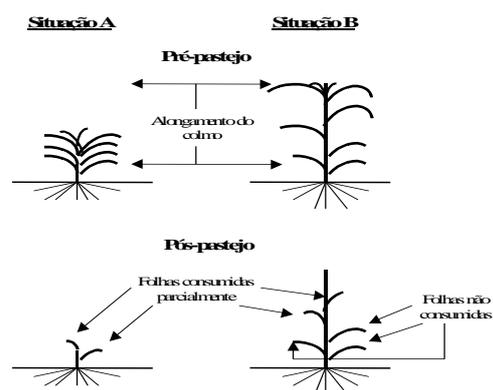


Figura 1. Efeito do alongamento do colmo sobre a eficiência de pastejo em gramíneas cespitosas

Duas questões principais no pastejo rotacionado são as definições dos períodos de descanso e de ocupação dos piquetes. Em outras palavras, quando entrar com os animais no piquete e quando retirá-los? A definição

destes prazos, além de influenciar as características do pasto, como mostrado anteriormente, afeta o número de piquetes a serem utilizados, uma vez que este é calculado pela fórmula abaixo:

$$NP = PD/PO + X, \text{ onde:}$$

NP = Número de piquetes; PD = Período de descanso; PO = Período de ocupação; e X = grupos de animais em pastejo

Da equação acima se percebe o efeito da variação de seus componentes no número de piquetes a serem adotados e, conseqüentemente, nos gastos que serão realizados. Desta forma, quando se aumenta o PO para um determinado PD, se consegue reduzir o número de piquetes, da mesma forma que a diminuição do PD num dado PO também reduz o número de piquetes necessários. É importante lembrar que o período de descanso é variável e depende, entre outras coisas, das condições climáticas, do nível de fertilidade e da espécie forrageira utilizada.

Longos períodos de ocupação (acima de cinco dias) podem resultar em pastejos desuniformes. Como no verão as gramíneas tropicais apresentam alta taxa de crescimento, uma planta pastejada pode, após poucos dias, apresentar novas folhas que terão a preferência dos animais que tenderão a repetir o pastejo nestas áreas. Este processo leva ao esgotamento das plantas e pode gerar áreas superpastejadas, enquanto parte do piquete

não é utilizado adequadamente, tornando-se envelhecido, com acúmulo de colmos e folhas mortas. Além disso, os animais tendem a se concentrar numa mesma área para descanso durante o período de ocupação, o que prejudica a recuperação. Assim, deve-se buscar uma combinação entre PD e PO a fim de se conciliar a uniformidade do pastejo e números de piquetes necessários.

Considerando, por exemplo, período de ocupação de três dias e o período de descanso de 36 dias teremos, para o pastejo de um lote de animais, a necessidade de 13 piquetes. No entanto, se conseguirmos, com prática de adubação e/ou irrigação, reduzir o período de descanso para 24 dias, o número de piquetes reduz para nove. Se imaginarmos piquetes de 1 hectare, é possível liberar, apenas com o manejo, quatro hectares da propriedade para outros usos, inclusive o cultivo de milho ou sorgo para silagem ou mesmo de cana-de-açúcar para uso na época seca do ano.



Fotos. Vista do piquete de capim-tanzânia em condição de pré-pastejo (1) e ao final do período de ocupação (2).

Este aumento na produção por área, refletido no aumento da taxa de lotação (número de vacas/hectare) é, muitas vezes, a saída para que pequenos produtores tenham uma produção diária de leite capaz de tornar viável seu sustento na atividade. Esta também é uma

estratégia buscada por produtores que têm restrição de áreas mais nobres na propriedade (em termos de relevo, fertilidade etc). Identificadas essas áreas, elas podem, através do pastejo rotacionado, ajudar no planejamento forrageiro da propriedade.